



Ponto Urbe

Revista do núcleo de antropologia urbana da USP

4 | 2009

Ponto Urbe 4

Reflexões Sobre a Sociabilidade Virtual dos Jovens das Classes Populares

Lucia Mury Scalco



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1473>

DOI: 10.4000/pontourbe.1473

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Refêrencia eletrónica

Lucia Mury Scalco, « Reflexões Sobre a Sociabilidade Virtual dos Jovens das Classes Populares », *Ponto Urbe* [Online], 4 | 2009, posto online no dia 31 julho 2009, consultado o 02 maio 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/1473> ; DOI : 10.4000/pontourbe.1473

Este documento foi criado de forma automática no dia 2 Maio 2019.

© NAU

Reflexões Sobre a Sociabilidade Virtual dos Jovens das Classes Populares

Lucia Mury Scalco

"Mãos ao auto!!!Isto é um asalto!! e queru um resgate muito caro: uma mensagem fofa e um depoimento... HAahaha Bjos".(Mensagem recebida em meu Orkut de um aluno do curso de informática pesquisado).

- 1 Pensar a sociabilidade virtual dos jovens das classes populares é a proposta deste artigo. Tal recorte emergiu de minha pesquisa etnográfica sobre um Projeto de inclusão digital realizado entre jovens que frequentam um curso de informática oferecido por uma instituição religiosa, situada no Morro da Cruz, conhecido bairro periférico de Porto Alegre.
- 2 Convivi por 18 meses com esses jovens, cuja maioria realizava suas primeiras experiências no chamado “mundo virtual”. Embora o estudo envolvesse novas tecnologias computacionais (o ciberespaço, ou “realidade virtual”), o objetivo principal foi mostrar como tais jovens usam, interpretam e/ou reinterpretam esses novos saberes em suas práticas cotidianas no espaço social e geográfico do qual fazem parte, assim como apontar as tensões e negociações embutidas nesse processo. Com o intuito de refletir sobre a sociabilidade virtual desses jovens e a reformulação dos processos de socialização tradicionais proponho, primeiramente, o diálogo com alguns teóricos clássicos, entre eles Georg Simmel, que desenvolveu conceitos-chaves (como sociabilidade e interação). Ao elaborá-los o autor demonstrou que tais fenômenos não são estáticos e dados, mas construídos nas relações das ações cotidianas.
- 3 Dessa perspectiva, partindo da constatação das grandes transformações existentes no mundo e na cultura modernos e novas práticas de interação/socialização existentes que tensionam os processos de socialização tradicionais, procuro responder a questão: qual é

a importância da sociabilidade virtual para os jovens? Quais suas especificidades e diferenças entre os jovens das classes populares?

- 4 Este artigo procura, então, contribuir para o entendimento de como esses jovens estão operando a nova comunicação proporcionada pela Internet e a interação social advinda do contato interpessoal mediado pelo computador a partir do exemplo observado no curso de informática. Para tanto, decididamente, o meio pelo qual esses jovens se relacionam, interagem e socializam tem nome e endereço: o site de relacionamentos Orkut. Este site, que fornece as melhores pistas para o entendimento da sociabilidade virtual e contribui, ainda, para a compreensão da crescente popularidade do referido site no Brasil, já se transformou em um fenômeno pelo número de participantes e um raro caso de liderança brasileira no mundo digital. Todavia, essa realidade está mudando. Os dados da pesquisa Ibope/NetRatings indicam que o Orkut continua líder absoluto desse mercado no Brasil, mas outras redes começam a aparecer na lista. Em abril o Orkut recebeu 15,2 milhões de acessos, segundo o Ibope, seguido pela Sonico.com, com 1,7 milhões de usuários únicos, e o MySpace, com 868 mil.
- 5 Apesar desse site manter liderança no país, outras redes sociais apresentam grande crescimento e já são uma ameaça ao Orkut. Entre abril de 2007 e o mesmo mês de 2008, o número de usuários da rede social Orkut, do Google, caiu 34% na América Latina. Os dados são da consultoria ComScore. O site de relacionamentos perdeu oito milhões de perfis durante o período analisado. E a explicação dada dessa migração de usuários, principalmente entre os jovens das camadas médias e altas, é a procura por maior privacidade, visto que no Orkut estariam muito expostos - não podendo escolher nem selecionar aqueles que estariam autorizados a visitar sua página com dados pessoais, lista de amigos, comunidade, fotos, etc. Apresento a hipótese de que, juntamente ao argumento da privacidade está a procura da distinção. Populariza-se cada vez mais a ideia (vinculada pela mídia e a concorrência), de que “o Orkut virou coisa de pobre”.

A Sociabilidade em Simmel

- 6 O interesse central do sociólogo alemão Georg Simmel - cujo desafio era entender como a sociedade é possível - pode ser resumido na problemática do indivíduo, do individualismo e da sociabilidade. Sua obra é “marcada pela multiplicidade de direções, pluralidade de perspectivas, defesa do fragmento e oposição a toda pretensão de sistema”, segundo Frúgoli Jr. (2007p. 8). O autor discutiu também, numa variedade de ensaios, temas como dinheiro, moda, filosofia da história, epistemologia, teoria da cultura, arte e religião. Sua metodologia ficou conhecida como microsociologia, uma vez que analisou a sociedade através dos fenômenos do nível micro. Além disso, desenvolveu uma tradição conhecida como formalismo, que estabelece como prioridade o estudo das formas. Em seu texto sobre Problemas Metodológicos Fundamentais da Sociologia - Como as formas sociais se mantêm (Simmel, 1983), o autor primeiramente apresenta sua concepção de Sociologia, respondendo às críticas sobre seu caráter científico, tentando estabelecer um campo analítico para a disciplina. Para Simmel, a Sociologia deve procurar sua especificidade não na matéria da vida social, mas em sua forma, com o intuito de, assim, entender o funcionamento da vida social.

Nessas considerações abstratas das formas sociais é que se assenta todo direito de existir da Sociologia (...) As formas que tomam os grupos de homens, unidos para

viver uns ao lado dos outros, ou uns para os outros, ou então uns com os outros – aí está o domínio da Sociologia. (Simmel, 1983, p. 47)

- 7 Desse modo, o objeto da Sociologia não é a vida dos indivíduos, mas a realidade formada por interações ou sociações. Esta sociação é a forma, realizada de inúmeras maneiras, pela qual os indivíduos se agrupam em unidades que satisfaçam seus interesses. A sociedade deve ser entendida, então, mais amplamente do que “um conjunto complexo dos indivíduos e dos grupos unidos numa mesma comunidade política” (idem, p. 48). É preciso entendê-la como uma ação recíproca entre os indivíduos. E a tarefa da sociologia é a descrição das formas dessas interações, tendo como um de seus principais conceitos o de sociabilidade, que seria uma forma pura de interação mantenedora das relações sociais. Ou seja, a sociedade formar-se-ia a partir da interação entre indivíduos surgindo a partir de impulsos ou em função de certos propósitos.

Sejam os instintos eróticos, interesses objetivos, impulsos religiosos, propósitos de defesa ou ataque, de ganho ou jogo, de auxílio ou instrução, e incontáveis outros, fazem com que o homem viva com outros homens, aja por eles, com eles e contra eles, organizando desse modo, reciprocamente, as suas condições – em resumo, para influenciar os outros e para ser influenciado.(...) Desse modo, a sociação é a forma (realizada de incontáveis maneiras diferentes) pela qual os indivíduos se agrupam em unidades que satisfazem interesses. Esses interesses, quer sejam sensuais ou ideais, temporários ou duradouros, conscientes ou inconscientes, formam a base das sociedades humanas. (Simmel, 1983, p. 166)

- 8 Destaco o pensamento de Simmel a respeito da estrutura democrática de toda sociabilidade. Esta seria, idealmente, uma interação entre iguais, como na metáfora de um jogo; uma forma lúdica de toda a socialização humana no qual se faz de conta que todos são iguais, ao mesmo tempo em que se faz de conta que cada um possui uma importância em particular. Conforme esclarece Frúgoli Júnior, “sem quaisquer propósitos, interesses ou objetivos que a interação em si mesma, vivida em espécie de jogos, nos quais uma das regras implícitas seria atuar como se fossem iguais.” (idem, 2007, p. 9). No entanto, continuando com o autor, este faz uma importante ressalva sobre o caráter democrático da sociabilidade:

Ainda que em Simmel as formas de sociabilidade constituam uma esfera marcada pela suspensão momentânea de posições sociais, paradoxalmente as mesmas também permitem uma leitura na direção da formação de circuitos “interclassistas”, implícitos na ideia de que tais relações só poderiam efetivamente transcorrer no interior de um estrato ou segmento social, tornando-se insuportáveis e dolorosas quando vividas entre membros de classes sociais distintas, já que pressupõem um mínimo de valores (ou “capital cultural;”) compartilhados. Nesse caso, a qualidade de ser praticadas ou jogada “entre iguais” desliza (ou oscila, se quiserem) entre uma construção artificial e uma condição prévia. (Frúgoli Júnior, 2007, p. 13).

- 9 Reforçando este argumento, que utilizarei quando discutir as novas configurações dos chamados sites de relacionamentos, Simmel nos lembra que esse “caráter democrático” só pode ser realizado no interior de um “dado estrato social”. A sociabilidade entre membros de classes sociais muito diferentes é amiúde inconsistente. “Se a própria sociação é interação, sua expressão mais pura e mais estilizada se dá entre iguais”. (Simmel, 1983, p. 172-173). Como lembra Dornelles (2002 p. 8) em seu estudo sobre os chats, na época de Simmel (1858-1918) não havia as tecnologias que proporcionam a interação social virtual. O encontro com o semelhante se dava pelo contato pessoal. Com a informática os indivíduos encontraram uma maneira diferente até então vista de se

relacionarem. Ela se dá a partir de um novo ambiente de comunicação, que está em concordância com um avanço técnico da humanidade.

- 10 Todavia, é possível encontrar vários pontos de intersecção. Destaco a maneira como Simmel situava o indivíduo na sociedade moderna, o qual poderia ser entendido como um ponto de intersecção em uma “rede empírica de relações humanas operativas” (Frúgoli Junior, 2007, p. 9). Além disso, o autor reconhecia o conflito como elemento construtivo da sociedade, mas, também, a troca, a aliança e a interação em geral, que juntos constituíam a própria vida social através da experiência. Portanto, o pensamento de Simmel pode ser transportado para os chamados “ambientes virtuais” atuais e assim contribuir para o entendimento das diferentes “trocas” realizadas pelos indivíduos via fenômeno que representa a Web e sua consequente sociabilidade virtual.

Sociabilidade no Cyberespaço

- 11 As tecnologias da informação e da comunicação (TIC) - basicamente o conjunto de tecnologias que permitem a aquisição, produção, armazenamento, processamento e transmissão de dados na forma de imagem, vídeo, texto ou áudio, que convergem para as redes que utilizam os protocolos da Internet, fenômeno global da atualidade -, operam profundas alterações no âmbito da cultura moderna: no trabalho, na produção, no lazer, no consumo, no comércio, na socialização, na transmissão dos saberes, na organização das empresas e dos Estados etc., desencadeando novas práticas de comunicação/interação/socialização. Vários são os teóricos que estudam o tema das transformações tecnológicas na modernidade, entre eles Bauman (2001), Appadurai (1996), Ortiz (1994), Castells (2005), Lévy (1999) e outros. A literatura inicial acerca da Internet e de suas potencialidades a descrevia como revolucionária, tanto pelas inovações quanto por suas implicações sociais e políticas.
- 12 A exemplo dessa perspectiva, Pierre Lévy (1999), filósofo, tem uma visão muito otimista das possibilidades advindas da Internet e do cyberespaço. Estas, ao constituírem-se em um novo espaço de sociabilidade, possibilitam a construção de comunidades virtuais e novas articulações através de redes sociais, favorecendo o surgimento da inteligência coletiva. Para o autor, o problema seria a forma individualizada com que a Internet vem sendo utilizada (e-mail, pesquisas etc.), defendendo a ideia de que, atualmente, estamos entrando em uma nova fase da Internet: a do trabalho conjunto, on-line, com proposições e resoluções coletivas virtualmente constituídas, capazes de promover o exercício da cidadania ativa. Conforme o autor “a emergência do cyberespaço é fruto de um verdadeiro movimento social, com seu grupo líder (a juventude metropolitana escolarizada) e suas palavras de ordem: interconexão, criação de comunidades virtuais, inteligência coletiva” (Lévy, 1999, p. 123).
- 13 Já segundo Castells (2005 p. 255), a Internet constitui-se em um meio de comunicação e de relação - essencial para a nova forma de sociedade em que vivemos - denominada “sociedade em rede”. Nesse sentido, ela não é simplesmente uma tecnologia, mas o meio organizativo que permite o desenvolvimento de uma série de novas formas de relações sociais e de comunicação. Para o autor: "Internet é o tecido de nossas vidas neste momento. Não é futuro. É presente. Internet é meio pra tudo, que interage com o conjunto da sociedade e, de fato, apesar de tão recente (...), não precisa de explicação, pois já sabemos o que é Internet".

- 14 Com a implantação do computador nas mais variadas situações cotidianas, possuir conhecimentos básicos em informática tornou-se um pré-requisito para atividades como o uso de telefone celular, transações bancárias em caixas eletrônicas ou via Internet, serviços governamentais, acesso e troca de informações, notícias, mensagens, além de condicionar o acesso a postos no mercado de trabalho. O mundo atingiu a marca de um bilhão de internautas em 2006. No entanto, esse processo também criou seu avesso, “a divisória digital; ou seja, a ideia de que a Internet está criando um mundo dividido entre os que têm e os que não têm [acesso à] Internet” (Castells, 2005, p. 265). Sem ignorar as desigualdades de acesso em todo o mundo, o autor ressalta que, pelo menos em termos tecnológicos, as taxas de conectividade vão deixar de ser um problema para a expansão da rede, visto que as mesmas estão crescendo exponencialmente. O número de computadores pessoais no mundo superará, pela primeira vez na história, a barreira do bilhão até o fim de 2008, de acordo com os dados da consultoria e companhia de pesquisas Forrester, divulgados nos Estados Unidos. E a indústria, que cresce a taxa de mais de 12% ao ano, venderá seu segundo bilhão até 2015. Alguns especialistas apontam que a Internet será, em pouco tempo, um serviço essencial. Vianna (2007), por exemplo, compara a Internet à caneta Bic (no sentido de ser uma ferramenta básica para se fazer qualquer coisa), enquanto outro autor argumenta que “(...) como fará parte da vida das pessoas, a Internet passará a ser tratada como qualquer facilidade do lar; como o gás de cozinha, a água das torneiras ou a energia elétrica” (Barbosa 2005, p. 25).
- 15 Os dados sobre o acesso à Internet no Brasil mostram, ainda, a reprodução da exclusão social reinante. Assim, nos Estados mais pobres, como Alagoas, o acesso à Internet de setores socialmente marginalizados, como a maioria da população negra, é de apenas 0,5% do total do grupo. No outro extremo, 77% dos brancos do Distrito Federal têm acesso à Internet. A capital é a região do país com maior índice de desenvolvimento humano. Circunscendo o problema da exclusão digital, Castells aborda o exemplo da Espanha, onde a exclusão é uma questão de idade e de escolaridade. Não é o acesso à rede o principal fator de exclusão, mas, sim, o acesso à educação. “Sem educação, a tecnologia não serve para nada” (idem). Especificamente na sociedade da Internet, o complicado não é saber navegar, mas saber aonde ir, onde buscar o que se quer encontrar e o que fazer com o que se encontra. Para isso é preciso educação. Complementando:
- A conectividade como elemento de divisão social está diminuindo rapidamente. O que se observa, contudo, naquelas pessoas, sobretudo estudantes e crianças, que estão conectadas é que aparece um segundo elemento de divisão social mais importante que a conectividade técnica: a capacidade educativa e cultural de utilizar a Internet. Uma vez que toda a informação está na rede – ou seja, o conhecimento codificado, mas não aquele de que se necessita – trata-se antes de saber onde está a informação, como buscá-la, como transformá-la em conhecimento específico para fazer aquilo que se quer fazer. Essa capacidade de aprender a aprender, essa capacidade de saber o que fazer com que se aprende, essa capacidade é socialmente desigual e está ligada à origem social, à origem familiar, ao nível cultural, ao nível de educação. É aí que está, empiricamente falando, a divisória digital neste momento. (Castells, 2005, p. 267).
- 16 Desde a difusão da Internet, em meados da década de 1990, vivenciamos profundas transformações tecnológicas que trazem mudanças nas formas pelas quais se estabelecem as relações humanas, alterando a forma de comunicação/sociabilização e os vínculos sociais tradicionais. Cria-se, então, um novo espaço social: o cyberspaço. Este novo espaço comporta, além do conjunto de redes de computadores que nos permitem acessar informações, as redes sociais que nos permitem acessar pessoas. Ou seja, é o local onde

nos encontramos, interagimos e exercemos a chamada “sociabilidade virtual”, fenômeno que vem gerando muita discussão e polêmica. Em geral, mídia e senso comum concordam com certos estudos que apontam os aspectos negativos do uso intensivo da Internet, resultantes da possibilidade de simulação e, também, de desenvolvimento de “comportamentos patológicos”. Estes resultariam do uso exagerado da Internet, que levaria ao risco do vício – situação em que os usuários seriam incapazes de controlar o número de horas conectados à rede, isolando-se dos familiares e amigos. Essa visão se baseia na divisão entre dois mundos: um artificial, desmaterializado e ilusório e outro natural, corpóreo e real.

- 17 Um dos maiores críticos da Internet, o sociólogo Zygmunt Bauman (2003) denuncia em sua obra a forma pela qual o homem sem vínculo – figura central dos tempos modernos – conecta-se. O livro *Amor Líquido* – sobre a fragilidade dos laços humanos –, é dedicado aos riscos e anseios de se viver juntos e separados em nosso líquido mundo moderno. No livro ele expõe sua visão pessimista dos chamados “relacionamentos virtuais”, “descartáveis, frágeis, superficiais, pouco autênticos”. (p. 13). Diferentemente dos relacionamentos reais, é fácil entrar e sair dos relacionamentos virtuais. (...) Entrevistado a respeito da crescente popularidade do namoro pela Internet (...), um jovem apontou a vantagem decisiva da relação eletrônica: “Sempre se pode apertar e deletar”. (p.13).
- 18 Outra possibilidade de classificação é a divisão geracional existente no mundo virtual. Ou seja: entre os chamados nativos ou imigrantes digitais. Jovens e crianças nascidas nas últimas décadas, que cresceram imersas na tecnologia (Internet, videogames, CDs, celulares etc.) naturalizam e incorporam facilmente essas tecnologias e são chamados de “nativos digitais”, conceito de Marc Prensky, educador americano. Já os adultos são considerados “imigrantes digitais”, uma vez que cresceram longe desse tipo de sociabilidade virtual e aprenderam e se formaram num mundo analógico possuindo, portanto, uma relação de estranheza com a tecnologia. Entretanto, tal classificação não abarcaria crianças e jovens excluídos por questões econômicas, apesar de apresentarem grande interesse e facilidade para com a tecnologia em geral. Uma importante contribuição da teoria antropológica ao entendimento desse fenômeno são as recentes pesquisas etnográficas buscando entender os processos sociais, culturais e históricos nele envolvidos. Tais abordagens deslocam o foco ao trazerem a pesquisa de volta do cyberspaço e da realidade virtual para espaços geográficos e sociais. Ou seja: além do aspecto tecnológico, a Internet pode ser compreendida como um processo de troca social e simbólica. Nesse sentido, é fundamental dialogar com Miller & Slater (2004) que, a partir da etnografia realizada em diferentes cybercafés de Trinidad, questionaram a distinção, comum em pesquisas sobre Internet, entre real e virtual. O argumento desses autores é que existe uma complexa integração entre on-line e off-line. Tais interações criam laços de continuidade e de pertencimentos para além da tela do computador, o que significa estudar a apropriação social que a tecnologia produz localmente, percebendo diferentes formas culturais possíveis de serem desenvolvidas a partir dessa apropriação tecnológica. Os autores demonstraram que o uso da Internet pode ocorrer de muitas formas e que, por esse motivo, não pode ser tratado como dado e estável. Nesse contexto, “constitui um problema para a etnografia, mas também um problema com que só a etnografia poderia lidar” (Miller & Slater, 2004, p. 63). Feitas essas considerações, passo a descrever como se opera o processo que envolve a apropriação de algumas das novas tecnologias conforme observei em pesquisa no Instituto Murialdo.

Práticas de sociabilidade virtual no Morro da Cruz

- 19 Partindo do que já foi exposto, contextualizo, rapidamente, as condições materiais existentes no Morro da Cruz. Nesse local, o cotidiano é marcado por problemas de toda ordem (alimentação, educação, saúde, trabalho), revelando um contexto de miséria material. Segundo o Observa POA, site oficial do município de Porto Alegre, que disponibiliza ampla base de informações sobre o município - o bairro São José, criado em 07/12/59, possui uma população de 30.164 habitantes, sendo que 42% dos mesmos recebem até dois salários mínimos mensais.
- 20 Ao contrário dos jovens das classes médias e altas, os das classes populares, quando chegam à adolescência, são convocados pela família a colaborarem nas estratégias de sobrevivência do núcleo familiar. O trabalho é uma das poucas possibilidades de mobilidade social; porém, em virtude de ingressarem muito cedo no mercado, fazem-no com baixa escolaridade, ocupando as mais baixas posições e, conseqüentemente, remuneração. A busca de trabalho é prioritária para os jovens pobres. Os que estudam, ao surgir uma oportunidade de trabalho abandonam a escola pela necessidade de colaborar para as despesas familiares (Pochmann, 2004, p. 231).
- 21 Para Soares (2004), a saída da escola reduz as chances de acesso a empregos e amplia a probabilidade de reprodução da condição de pobreza. Sem completar o ensino fundamental, além de não serem aceitos em cursos profissionalizantes e estarem condenados às incertezas do trabalho informal, esses jovens representam os segmentos mais expostos aos riscos da violência. O autor alerta para o fato de que
- O tráfico de armas e drogas é a dinâmica criminal que mais cresce nas regiões metropolitanas brasileiras, mais organicamente se articula à rede do crime organizado. (...) As drogas financiam as armas e estas intensificam a violência associada às práticas criminosas, expandindo seu número e suas modalidades. (idem, p. 130-131).
- 22 Nesse sentido, a arma é um recurso de poder e instrumento simbólico de distinção e valorização. Não é difícil entender o fascínio que o tráfico, as armas e mundo do crime exercem sobre os jovens. Em pesquisa realizada entre jovens das classes populares em Porto Alegre, em 2001, Soares (2004) apontou que o modelo reinante entre esses jovens era o de “macho violento, arrogante, poderoso e armado, instaurando um magnetismo perverso que enseja a emulação da prepotência armada.” (idem, p. 152). Importa lembrar, ainda, o que Fonseca (2004) apontava, ainda nos anos de 1980, em seus estudos etnográficos do Morro da Cruz. A autora antecipava, há mais de 20 anos, a tendência dos jovens a sublimar a aventura e ressaltarem o heroísmo existente na vida “bandida”, identificando-se com os líderes do tráfico local. Em seu Prefácio, Soares (2000) nos lembra que “no enredo da violência, o crime não se vincula apenas à miséria, desemprego, desigualdade e falta de escolaridade, mas, também, aos símbolos, valores e afetos. Contudo, sem desconhecer as dificuldades materiais e simbólicas por eles vividas, opto pela abordagem antropológica, que implica recusar a determinação linear da cultura e dos seus modos de vida. Nesse sentido, apresento os jovens do Murialdo, não pela chave da “carência”, mas através das suas práticas culturais que, em minha etnografia, aparecem relacionadas às suas apropriações e ressignificações dos novos saberes adquiridos a partir do curso de inclusão digital realizado. Com a finalidade de ilustrar como acontece o trabalho educativo desenvolvido nessa instituição situada no Morro da

Cruz, e no intuito de apresentar alguns personagens, julgo relevante descrever algumas passagens do meu diário de campo.

O primeiro dia de observação

- 23 Após um breve telefonema, marquei o dia da minha visita. Fui para o encontro sem ter nenhuma informação sobre o trabalho que iria encontrar e assim que cheguei ao local deparei com um prédio amplo, uma portaria e a foto de um padre. Logo me esclareceram que se tratava de uma instituição religiosa que proporcionava um programa de profissionalização. A porta da sala de aula possui uma divisão com vidro e, após alguns momentos de observação, José (educador social) veio falar comigo. Entramos e José disse à turma: “Pessoal, pessoal, um minuto de atenção! Esta é... como é mesmo o teu nome?... Lúcia, ela é pesquisadora da universidade e veio aqui conhecer o nosso trabalho. Dêem boa-tarde para ela!”. Os 10 jovens saudaram-me rapidamente, em função de estarem muito entretidos com os computadores. Embora a aula só começasse às 14 horas, faltando ainda vinte minutos, praticamente todos já estavam lá. Os meninos (entre 14 e 17 anos) divertiam-se com jogos de luta, de estratégia e em rede, enquanto as meninas (entre 16 e 17 anos) ficavam no popular site de relacionamento Orkut. Após a apresentação, José veio conversar e disse:

Já me estressei muito brigando contra isso, mas agora não mais. Eles não têm computador em casa e o que eles querem e gostam é o que tu estás vendo... Jogos ou Orkut. Mas vou negociando e tentando mostrar e ensinar outras coisas.

- 24 Logo percebi que tinha entrado em campo com algumas pré-noções um tanto equivocadas: 1ª) Os computadores (diferentemente da realidade que eu imaginava: computadores velhos, lentos e aulas com apostila de programas de editores de texto e planilhas de Excel); 2ª) Os meninos (oito) e as meninas (quatro) sentavam separados (não ficavam juntos) e não utilizavam o computador da mesma maneira. Sentei-me perto de uma jovem, Laura, 16 anos, estudante da 7ª série, que me relatou não ter paciência de jogar. Ela gosta mesmo é do Orkut, e me explicou o porquê: “*Já tenho mais de 120 amigos. Sempre tenho que entrar no site para falar e responder mensagens que me deixam. É muito tri.*” Por fim, a aula terminou e observei que Laura permaneceu quase todo o tempo tentando adicionar algumas de suas fotos digitais no Orkut.
- 25 O prestígio que a jovem está procurando pode ser definido pelo que Gilberto Velho chamou de “aura social”. Tradicionalmente, esse conceito se relacionava ao pertencimento a uma “boa família; ter boa raça ou sangue”. Era um valor vinculado ao bom desempenho de papéis, como ser bom pai, avô, filho, mãe etc, tendo como referência “paradigmas culturais preexistentes” que conferiam autoestima e prestígio e permitiam a elaboração de uma “identidade sólida, respeitada e gratificante”. (Velho, p. 46)
- 26 Circunscrevendo o tema para a formação da identidade para os jovens, Soares (2006) destaca a formação da identidade juvenil como um processo penoso e complicado:
- [...] A construção de si é bem mais difícil que escolher uma roupa, ainda que a analogia não seja de todo má. (...) Roupas, posturas e imagens compõem uma linguagem simbólica inseparável de valores. Ninguém cria sozinho ou escolhe para si uma identidade como se tirasse uma camisa do varal. Não é algo que se vista e leve para casa. A identidade só existe no espelho, e esse espelho é o olhar dos outros, é o reconhecimento dos outros. (...) Por isso, construir uma identidade é, necessariamente, um processo social, interativo, de que participa uma coletividade e que se dá no âmbito de uma cultura e no contexto de um determinado momento

histórico. Por consequência, sendo a identidade de uma experiência da relação que se dá na esfera da intersubjetividade, dos símbolos, das linguagens, da cultura, ela é, sempre, uma experiência histórica e social. (p. 137)

Tensão e negociação na apropriação de novas tecnologias

- 27 Durante minha observação participativa, convivi com cerca de trinta jovens; porém, transcrevo aqui apenas duas trajetórias de alunos por serem representativas do contexto pesquisado. Esses jovens compartilham muitas características (faixa etária, local de moradia, serem estudantes de escola pública e de baixa renda familiar), e apresentam singularidades e diversidades expressas através de suas respectivas interações com a tecnologia. Usando do mesmo argumento de Gilberto Velho (1981), que ao estudar as camadas médias apontou para as “diferentes motivações vinculadas a trajetórias e leituras específicas do sistema simbólico que constitui a cultura de que participam”, em meu estudo também encontrei grandes diferenças e variações entre os jovens. Como no estudo citado, “o objetivo seria demonstrar que, dentro de um universo que segundo critérios socioeconômicos como renda ocupação poderia ser visto como homogêneo” também encontrei “fortes descontinuidades em termos de ethos e visão de mundo”. (idem, p. 41)
- 28 Após o primeiro dia de aula, o passo seguinte foi a construção de seus respectivos [perfis no³] Orkut. Ressalto que não houve nenhum tipo de explicação teórica sobre informática. José, o educador social, acredita que este processo (criação de um *e-mail* válido, escolha de senhas, preenchimento do formulário do referido site e a transferência das fotos) é a melhor maneira de se iniciar um processo de inclusão digital, a partir das suas realidades.
- "Não demonizo nada. Nem os jogos nem o Orkut. Eles fazem parte da proposta pedagógica na qual acredito. A partir daí, pode-se ensinar muitas coisas. Mas não é muito fácil. É uma negociação... Tu vais sentir na pele: Pessoal, um minuto de atenção! Todos vocês conhecem a Lúcia. Pois bem, podem pedir ajuda para ela também. A partir de hoje ela vai colaborar também" (José).
- 29 Comecei a atender aos chamados de “ajuda” refletindo sobre as implicações de minha nova “função” na sala de aula, qual seja: o relacionamento direto com os alunos para a solução das suas demandas relacionadas à informática. Pessoalmente sou uma simples usuária e não tenho conhecimentos especiais sobre computadores. No entanto, ao argumentar com José sobre minha incapacidade técnica, recebi como resposta a máxima: “Em terra de cego, quem tem um olho é rei...”
- 30 Rudney, 15 anos, estudante da 8ª série, não tinha *e-mail*, mas já havia frequentado algumas vezes a *Lan House* do morro da Tuca. “*Tô louco pra entrar nesse negócio de Orkut. Tenho um monte de amigos que já têm. Deve ser tri!*”. Ele era um dos alunos que mais solicitava a minha presença. “*Fica aqui, profe. Não sai. Hoje tu vai ficar só comigo. “Nem responde para os outros...”*”, dizia com ironia. Ele gosta muito de Hip-hop e tem uma banda. “*Tocamos por aí; quero ser músico, famoso, ter dinheiro e mulher. Já pensou? Mas sei que primeiro preciso ter um e-mail e um Orkut...*” Como Rud (seu apelido) não tinha nenhum conhecimento, foi demorada a operação de digitação, a compreensão das funções das teclas, os nomes em inglês. Seu desabafo é revelador: “*Não pensei que fosse tão complicado. Precisa de tudo isso? Quem é esse tal de Yahoo? Tem que saber inglês pra mexer? Pra que querem saber tudo isso de mim? Sei lá qual é o meu CEP. Nem sei o que é isso!*” Continuamos tentando. A escolha de um *e-mail* válido

também foi demorada. A primeira tentativa foi a do seu nome: rudiney@yahoo.com.br que, obviamente, foi negada. “Mas por que? Não é esse o meu nome?” Expliquei que deveriam existir milhares com o mesmo nome. “Vamos tentar outro nome”, disse eu. “Mas não é por computador? Só eu tenho esse nome aqui na sala”. Novas explicações e novas tentativas. “Tá legal, agora vou escrever o meu nome inteiro... Profe, olha o que a máquina está dizendo: operação não concluída”. Repetimos a operação, o que levou bastante tempo uma vez que, como já relatei, há variações na rede que o Murialdo utiliza e, especialmente nesse dia, a conexão estava lenta, com interrupções e conseqüente perda das informações já preenchidas. Por fim, compusemos juntos um e-mail misturando o seu nome, as iniciais do sobrenome e números. “Conseguimos finalmente”, vibrou. Seguindo a orientação de José, mandei um e-mail, que tinha que ser respondido pelo aluno. Rud ficou emocionado por ter, sozinho, conseguido acessar o site e receber a mensagem. Sua resposta, por e-mail, foi um simples “oi”. E disse: “Tô cansado, profe. Esse negócio de digitar é difícil. Mas valeu. Não vai me esquecer, hein? “Na aula que vem, tem o Orkut”. Porém, na aula seguinte, a cena se repetiu. Não se lembrava do e-mail. Nem eu. “Mas como é que tu não lembra? Eu, tudo bem, sou meio burro, mas a senhora?” Respondi, brincando, que era tão “burra” quanto ele... (risos) e nova tentativa. Depois me lembrei de sua mensagem, do “oi” enviado e recebido. Ele se espantou, pois pensava que, ao ler, a mensagem era apagada. Todavia, surgiram novos problemas: Rud não se lembrava de sua senha. “Que droga, não se pode errar nenhuma letrinha que não vai”... Enfim, foram inúmeras as tentativas, até que José interferiu e aconselhou a criação de novo e-mail, o que levou Rud a ficar muito bravo. “Vou desistir, profe. Vou pedir para ir para a padaria (outro curso disponibilizado pela instituição dentro do mesmo Programa); pelo menos a gente come e se sobra levamos pra casa. Isso aqui está muito chato”. Passada a frustração, iniciamos a feitura do e-mail. Dessa vez foi mais fácil e ele retomou o entusiasmo pela aula. Quando o sistema pediu uma senha, aconselhei-o a escrever algo que fosse importante para ele, a fim de facilitar novos acessos. Rud concordou. Em segundos, preencheu as solicitações a respeito dos seus dados. “Pronto. Já escolhi uma senha que nunca vou esquecer: é o nome do meu melhor amigo que mataram no mês passado. Boa ideia, né?”⁴

- 31 Lucimarta, 17 anos, destacou-se no grupo por sua desenvoltura. Tinha algum conhecimento de informática e seu envolvimento com o computador iniciou-se na escola. Essa aluna fazia parte do grêmio estudantil e por isso tinha algumas “vantagens”, como ter acesso mais frequente à sala de informática. Além disso, contou-me:

Sempre dou um jeito de entrar no meu Orkut. Converso e trovo com um vizinho meio chato, mas sempre acaba acreditando nas mentiras que conto: que é urgente, que é a última vez, essas coisas. Aqui no Morro é muito caro a conexão. Só funciona linha discada e por isso ele só deixa entrar tarde, depois das 10 horas da noite, e bem pouquinho.

- 32 Uma das características já apontadas em vários estudos sobre as vilas de classes populares no Brasil é a proximidade existente entre os moradores, a solidariedade entre os parentes e vizinhos, operada através de uma rede de reciprocidade que tem como ponto de partida a proximidade e a convivência (ver Fonseca, 2004). As novas tecnologias também fazem parte dessa rede, seja com o empréstimo desses objetos ou na constatação do empoderamento existente de quem possui um computador e uma conexão. Como o antigo “televizinho”, agora surge os vizinhos.com que usam diversas estratégias para acessarem seus e-mails e recados no Orkut.
- 33 Lucimarta disse-me ainda que, de tanto frequentar uma Lan House “boa”, (localizada na Avenida Central do Bairro e com conexão rápida para a Internet) fez amizade com o

responsável, que estende seu horário em quase uma hora; e também frequenta o Telecentro local. Quanto ao seu Orkut, ela foi uma das primeiras a aderir. Suas palavras: “Ninguém conhecia e eu já era viciada”. Lucimarta tem mais de 400 amigos no Orkut e é membro de mais de 300 Comunidades:

Tô até pensando em fazer uma faxina. Tem gente demais, a maioria eu reconheço que eu nem conheço e nem falo. No começo é aquela emoção que tu estás vendo. Depois a gente cansa um pouco. Na real, atualmente, eu só converso, converso mesmo, é com dois amigos. E olha que eles são meus vizinhos, moram nas ruas de cima. Mas a gente não se encontra. Só no Orkut.

- 34 Em uma ocasião, Lucimarta, com suas estratégias, não desceu para o lanche coletivo patrocinado pela instituição. Esse intervalo é muito esperado pelos alunos, por ser um importante momento de socialização, em que todos os jovens dos diversos programas se encontram e conversam. O diferencial dessa instituição é a qualidade dos produtos oferecidos durante a “hora do lanche” (produzidos pela padaria/escola local) e também pelo pátio e a área verde disponível. A aluna, porém, preferiu não descer e continuou ao computador. Ao indagar o porquê de tal atitude, respondeu-me com novo questionamento:

Profe, tu não gosta de encontrar amigos? Lá em baixo tu não estava com várias pessoas? Pois eu também, eu to encontrando e conversando com os meus amigos, só que pelo computador. No fundo é a mesma coisa...

- 35 Discuto a seguir: para uma contribuição empírica sobre os discursos referentes à sociabilidade virtual, o site de relacionamentos Orkut. Em linhas gerais, o Orkut pode ser definido como uma rede social construída virtualmente com o objetivo de ajudar seus membros a criar novas amizades e manter relacionamentos. A interação social que acontece no Orkut é inédita, já que proporciona um tipo de sociabilidade em que o encontro de indivíduos não depende das variáveis tempo e espaço.

- 36 A Internet já proporciona a comunicação desvinculada do tempo e do espaço, porém o Orkut inova por trazer essa possibilidade para a sociabilidade ao potencializar as redes de amizades. Uma adolescente de 14 anos, em artigo a um jornal⁵, afirmou que “o Orkut é a pracinha de hoje em dia. Ao invés de irmos para as ruas, estamos todos plugados no Orkut”. Seguindo o pensamento da garota (que diz inclusive ter parado de fazer programas ao ar livre para ficar em casa), os jovens procuram o mundo virtual dos computadores para fugir da violência urbana. Vários são os estudos acadêmicos que explicam a popularidade do Orkut no país, tais como as reflexões abaixo arroladas:

Poderíamos nos perguntar de onde vem a extrema popularidade do Orkut, ao menos no Brasil, cujos internautas representam cerca de 70% dos frequentadores mundiais. Poderíamos pensar que ela é fruto da conjugação de vários elementos e de sua articulação com esses tempos de modernidade líquida, como quer Bauman: tempos de velocidade e precariedade, instabilidade e vulnerabilidade. Assim, o Orkut tem o selo da instantaneidade, que é, em grande medida, o selo da Internet; não são necessários processos prolongados para entrar e sair de comunidades, trocar fotos, postar mensagens e respondê-las, etc. (Silveira, 2006, p. 5).

- 37 Viana (2007) ressalta um aspecto ao afirmar que foi o Orkut, acessado nas *Lan Houses*⁶ populares, que contribuiu e está contribuindo para a chamada inclusão digital brasileira, visto que as pessoas passaram a conhecer a Internet ao usar o referido site. Colabora para o sucesso do Orkut o fato de ele ser um site amigável, de fácil navegação, com o diferencial de permitir o compartilhamento de fotos e de mensagens multimídias (imagens, som), o que foi possível observar em campo. Os jovens estavam ansiosos por

criar “seus” Orkut’s e também em (re)fazer, em alterar, enviar recados, enfim: mostravam avidez em se comunicar e participar.

- 38 Como contribuição para a reflexão sobre o fenômeno Orkut, assinalo duas questões empíricas à luz do conceito de territorialidade e de classe social que elucidam como os jovens pesquisados apropriam-se desses novos saberes em suas práticas cotidianas. A primeira refere-se ao incremento das redes de sociabilidade locais operadas pelo Orkut; já a segunda sobre as possibilidades dos jovens das classes populares acessarem e usarem as novas tecnologias. Ao contrário do apontado em muitos estudos, como, por exemplo, a pesquisa de Dornelles (2008) sobre a virtualidade e suas revolucionárias práticas de socialização (com alcance mundial) e capacidade de realização de interações entre “diferentes segmentos sociais [...] e diferentes referenciais simbólicos” (p. 169), as redes de sociabilidade existentes no Muriado - mediadas pelo site de relacionamentos Orkut - operam empiricamente por dinâmicas de sociabilidade no bairro, com uma lógica muito mais local do que a exposta nesses estudos. Entre os jovens das classes populares que pesquisei, o pertencimento e o reconhecimento que eles almejam está mais vinculado à sua rede local (turma da escola, amigos do bairro, família), como ilustram algumas Comunidades virtuais: *Amigos do Morro da Cruz, As danadas do Partenon, Trabalho educativo Muriado*. Silveira (2006) aborda essa questão:

Em época em que tanto se fala de desterritorialização - e a Internet foi uma das instituições que mais contribuíram para a abolição da noção de distância e da relevância do lugar de origem ou moradia dos sujeitos -, pode parecer surpreendente esta busca de territorialização de “entes virtuais”, como se essa fosse uma estratégia de atribuição de corpo e substância a esses sujeitos enunciadore (afinal, pessoas de carne, osso e nervos ainda moram, mesmo que provisoriamente, em espaços). A âncora - tão tradicional - do lugar de origem não parece ter deixado sua função de fundear essas identidades-navegadoras (p. 10).

- 39 Ruben Oliven argumenta que “a criação de manifestações culturais mundializadas não significa que as questões locais estejam desaparecendo. Ao contrário, a globalização torna o “local” mais importante do que nunca” (Oliven, 2006, p. 1). Ou seja, junto do discurso existente - “espaço de possibilidades de entendimento, de democracia, de conagraamento, do lúdico” (Silveira, 2006 p. 2) - existe a apropriação local bem prática, pontual e utilitária, como resumiu a minha informante Lucimarta:

Eu tenho celular, mas é de cartão; só recebe ligações. Falo tudo pelo Orkut. É muito mais barato. Mando parabéns pra todo mundo. Imagina se fosse ligar? Eu ia ficar mais pobre ainda...

- 40 Alguns *scraps* (mensagens ou recados deixados no perfil individual ou nos tópicos de discussão das Comunidades) de meus informantes também reforçam esta interpretação. Muitos os mantêm como índice de popularidade uma vez que o seu número, junto com o número de amigos são critérios de popularidade.

Sergei: “o meu, ki horas é a festa la???? flow.” - “largo aqla vila di mão?

- F”, - “eai vamos estudar juntos a semana q vem ou não? bjs amiguxo hehehehh.

Lucimarta: “bah hoje eu tava ai fui busca os cadernos com a bruna e fui na tua casa mas acho q naum tinha ninguém....Bjinhux.

- e aqle cara q tu gostava (ou ainda gosta) ainda ta te enrolando?

- E ai minha linda tenha um lindo dia

- 41 Nesse sentido, segundo Castells (2005) a Internet é um instrumento que desenvolve, mas que não muda, comportamentos. Nas suas palavras:

Vale dizer que aquilo que as pessoas faziam, elas continuam fazendo com a Internet: para quem as coisas andavam bem, ficaram ainda melhores e para quem elas iam

mal, continuam igualmente ruins. Quem tinha amigos, também os tem na Internet e quem os não tinha, tampouco os tem na Internet.(...) A Internet é um instrumento que desenvolve, mas que não muda comportamentos; ao contrário, os comportamentos apropriam-se da Internet, amplificam-se e potencializam-se a partir do que são. Isso não significa que a Internet não seja importante, mas não é a Internet que muda os comportamentos, mas os comportamentos que mudam a Internet (Castells, 2005, p. 273).

- 42 Assim, as recentes modificações ocorridas neste site, advindas da pressão dos seus usuários “por mais privacidade”, ilustram a relação existente entre o *on-line* e *ooff-line*. O surgimento de concorrentes também confirma essa tendência. Os sites de relacionamento líderes mundiais de acesso (Myspace e Facebook) possuem como argumento diferencial a privacidade (o perfil do usuário só é visível para quem está na lista de amigos) e a distinção. A mensagem que a mídia está começando a vincular é clara: “O Orkut virou coisa de pobre”.... Conforme depoimento de um ex-usuário:

O Orkut perdeu o sentido. Começaram a chegar disparadamente mensagens como: ‘bom fds!’; ‘passei aqui pra deixar um oi’; ‘feliz dia do amigo’; ‘feliz dia do beijo’;... e por aí vai. Nada contra desejar coisas boas aos amigos, mas pelo amor de Deus! Nem Deus aguenta. Por fim, deixei o Orkut.

- 43 A esse respeito, são vários os títulos de Comunidades que existem no Orkut, tais como: “O orkut tá cheio de pobre”, “Orkut e celular todo pobre tem”, “Detesto pobre metido a rico!”, “Não existe feio, existe pobre!”, entre outras. Ou seja: a partir da constatação de que os “pobres” estão acessando o Orkut, novas opções de redes sociais são criadas para a elite. Isso ocorre porque há importantes nexos entre práticas culturais e classes sociais, evidenciando as relações de poder como categorias de dominação operadas através do capital cultural. A violência simbólica aparece, nesse caso, através do discurso (direito a) da privacidade e, mais explicitamente, nas Comunidades já citadas. Em recente notícia vinculada pela mídia: Internautas podem agora selecionar os grupos autorizados a deixar mensagens, dá a pista:

Agora o usuário pode selecionar quem poderá escrever em sua página de recados: todos, só os amigos ou também os amigos de amigos (...) Acabou aquela história de todos poderem escrever recados para todos no Orkut.

- 44 Portanto, operando com o discurso do caráter democrático da Internet estão as barreiras que marcam as fronteiras existentes entre os diferentes grupos sociais. Estas ocorrem na forma de barreiras materiais (falta de computador, conexão, infraestrutura) e, como no exemplo do Orkut, em forma de barreiras simbólicas, reificando, através do *habitus*, a lógica da separação e da distinção desses grupos, que pode ser expressa através de Comunidades do Orkut, tais como: “Rico X Pobre” Nesse sentido, é esclarecedor o pensamento de Bourdieu (1983) que explicita a lógica da constituição do *habitus*:

Compreendemos, na mesma lógica, que os conflitos de geração opõem não classes de idade separadas por propriedades de natureza, mas *habitus* que são produtos de diferentes modos de engendramento, isto é, de condições de existência que, impondo definições diferentes do impossível, do possível, do provável ou do certo, fazem alguns sentirem como naturais ou razoáveis práticas ou aspirações que outros sentem como impensáveis ou escandalosas, e inversamente.

- 45 Continuando com o autor, os mecanismos da reprodução social através do viés da distinção situam bem esse fenômeno, sendo os julgamentos de gostos e de preferências um meio de afirmar ou de conformar as desigualdades sociais.
- 46 De fato, por intermédio das condições econômicas e sociais que elas pressupõem, as diferentes maneiras, mais ou menos separadas ou distantes, de entrar em relação com as

realidades e as ficções, de acreditar nas ficções ou nas realidades que elas simulam, estão estreitamente associadas às diferentes posições possíveis no espaço social e, por conseguinte, estreitamente inseridas nos sistemas de disposições (*habitus*) características das diferentes classes e frações de classe (Bourdieu, 2007, p. 13).

- 47 Ou seja, a partir da constatação de que os “pobres” estão acessando o Orkut, novas opções de redes sociais são criadas para a elite. Isso ocorre porque há importantes nexos entre práticas culturais e classes sociais, evidenciando as relações de poder como categorias de dominação operadas através do capital cultural. A violência simbólica aparece, nesse caso, através do discurso (direito a) da privacidade e, mais explicitamente, nas Comunidades já citadas. Ou seja, as desigualdades de classe existentes terminam sendo reproduzidas no mundo virtual. Ou seja, o discurso referente aos jovens de classe média e alta – “Orkut virou coisa de pobre” – e as novas opções existentes no mercado para esse tipo de serviço sem os problemas relativos às questões de “privacidade” e invasão de recados mostram que a interação social com os pobres que ingressam no Orkut é indesejável.
- 48 Existem, no entanto, diversos outros demarcadores que ajudam a distinguir os membros de uma determinada classe social. De acordo com Bourdieu (2005), o contexto e o entorno da foto já são suficientes para dar “pistas”, uma vez que dificilmente jovens da elite tiram fotos em passeios, como por exemplo uma foto que mostra os alunos do curso em frente ao ônibus da linha turística de Porto Alegre. Essa estratégia adotada pela informante, portanto, poderia não servir para todos os jovens de todas as classes, mas serviria como um reforço para a comunicação com os seus pares. Além das fotos, os seus recados no site Orkut e nas Comunidades aderidas apontam para um claro reforço da rede local de sociabilidade. Isto pode ajudar a refletir sobre o modo como indivíduos de classes populares vêm se apropriando das novas tecnologias.

Conclusão

- 49 Este artigo, a partir da reinterpretação do material etnográfico coletado e da contribuição do pensamento de Simmel, procurou ampliar a compreensão de como os jovens das classes populares se percebem, interagem e socializam no chamado mundo virtual. Na esteira dessas constatações, e valendo-me da tese de Castells(2005), concluo que a verdadeira exclusão continua sendo cultural e educacional, uma vez que a Internet, sendo uma ferramenta tecnológica, não tem um poder mágico de transformação. Nessa perspectiva, potencializa e amplifica, conforme o conceito de Velho (2003, p. 40) “as disposições individuais existentes”.
- 50 Em termos de políticas públicas, a inclusão digital do jovem é fundamental. Junto com a educação e a cultura, tornou-se um direito universal que subsidia a entrada no mercado de trabalho. Além disso, vários aspectos da sociabilidade humana estão ocorrendo através dos recursos das tecnologias de informação e comunicação, compondo novos cenários de relacionamentos. Especificamente, constatei que os jovens pesquisados aderiram às novas tecnologias e sobretudo à rede de relacionamento Orkut como reforço das suas redes locais de sociabilidade. Finalizando, cada vez mais se faz necessário discutir o papel de uma Antropologia da Inclusão Digital. Esta oferece os instrumentos da disciplina para que os agentes públicos entendam em maior profundidade como se opera – singular e localmente – a apropriação tecnológica pelos atores.

Wikipedia

BIBLIOGRAFIA

- APPADURAI, Arjan. Disjuncture and difference in the global cultural economy” and “Global ethnoscaples: notes and queries for a transnational anthropology. In: **Modernity at large. Cultural dimensions of globalization**. Minneapolis/London, University of Minnesota Press, 1996
- BARBOSA, Alexandre. **Cuidado, a internet está viva!**. São Paulo: Ed. Terceiro Nome, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. **A Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. Esboço de uma teoria prática. In **Pierre Bourdieu** São Paulo, Atica 1983.
- BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas - Sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. **A Distinção: Crítica Social do Julgamento**. Porto Alegre: Zuk, 2007.
- CASTELLS, Manuel. A internet e Sociedade em rede. In: **Por uma outra comunicação**. MORAES, Dênis (Org). Rio de Janeiro: Editora Record, 2005.
- DORNELLES, Jonatas. **Sociabilidade Virtual: delimitando o fenômeno e definindo o conceito**, 2003.
- DORNELLES, J. **Vida na rede: uma análise antropológica da virtualidade**. Tese (Doutorado em Antropologia). Porto Alegre (RS): Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2008.
- FRUGOLI JR. Heitor. **Sociabilidade urbana**. RJ, Zahar, 2007.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- MILLER, Daniel & Don SLATER. Etnografias On e Off-line: Cibercafés em Trinidad. In: **Revista Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, vol 10, nº. 21, 2004.
- MORAES FILHO, E. (Org.). **Simmel**. São Paulo, Editora Ática, 1983.
- OLIVEN, Ruben. Prefácio, In: **Antropologia & Consumo**. LEITÃO, Débora Krischke e cols (org.). Porto Alegre: AGE, 2006.
- POCHMANN, Márcio. Juventude em busca de novos caminhos no Brasil. In: NOVAES, R. e VANNUCHI, P. (Org.). **Juventude e Sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004.
- POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 1996.
- SILVEIRA, Rosa M. H.: **Identidades para serem exibidas – breve ensaio sobre o Orkut**
- SOMMER, Luis Henrique; BUJES, Maria Isabel (Orgs.). **Educação e cultura contemporânea - articulações, provocações e transgressões em novas paisagens**. Canoas, Ed. da Ulbra, 2006.
- SIMMEL, G. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio G. (org). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- SOARES, Luis Eduardo. **Meu Casaco de General**, São Paulo: Companhia da Letras, 2000.
- SOARES, Luis Eduardo. Juventude e violência no Brasil contemporâneo. In: NOVAES, R. e VANNUCHI, P. (Org.) **Juventude e Sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia das sociedades contemporâneas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

VELHO, Gilberto. Observando o Familiar São Paulo: In: *Individualismo e cultura*. Rio de Janeiro, Zahar, 1987.

VELHO, Gilberto. *Projeto e Metamorfose*. São Paulo: Zahar, 2003.

VIANNA, Hermano. As pessoas estão aprendendo mais fora da escola. Educação & Internet: Os prós e os contras da rede. Jornal O Globo. Rio de Janeiro, sexta-feira, 27 de agosto de 2007, p. 12-13.

WEBGRAFIA

NOTAS

1. Todos os excertos transcritos (retirados das falas dos meus informantes ou dos registros dos mesmos na internet) que aparecem ao longo do artigo foram digitados sem correção gramatical. Para uma reflexão aprofundada sobre a questão do preconceito lingüístico a respeito da linguagem coloquial e a gramatical, veja Possenti (1996).

2. N.R.

3. N.R.

4. Rudney é filho de Jussara, mãe que conheci durante a entrevista para a seleção do Programa e que tinha 12 filhos. Não pôde completar o curso. Em agosto de 2007, o pai, conforme me informou a assistente social, saiu da prisão em regime semiaberto e começou a incomodar. O jovem precisou sair do curso para defender a casa, o pátio e os irmãos menores, enquanto a mãe trabalhava.

5. Refiro-me ao artigo “A febre do Orkut”, publicado no jornal Zero Hora (Porto Alegre), sábado/23/12/2006.

6. Estabelecimento comercial onde as pessoas pagam para utilizar um computador. Os frequentadores são, na maioria, jovens que praticam jogos virtuais, servindo de local de encontro e sociabilidade. Para maiores detalhes, ver Dornelles (2008). Reportagens sobre o acesso à Internet das classes populares mostram como as *lan houses* e os telecentros são abundantes em bairros populares. Somente na favela da Rocinha, na Zona Sul do Rio, existem cerca de cem salas e “Lans invadem favelas e aproximam inimigos no Rio”. Fonte: G1 (O Globo). Acesso: 30/09/2007.

AUTOR

LUCIA MURY SCALCO

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRS

luciascalco@hotmail.com